



ARTETERAPIA: DESAFIOS E BENEFÍCIOS DA PRÁTICA ARTÍSTICA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

DIONATHAN BERTON; VANESSA CARLOTTO DOS SANTOS

RESUMO

Este artigo, parte de reflexões sobre a arte como instrumento potencializador da percepção, da sensibilidade, da expressão, e da criatividade, e também, a arteterapia no contexto educacional como dispositivo provocador do autoconhecimento dos alunos especiais. A arte, a terapia e a docência conduzem esta pesquisa no sentido de mostrar um pouco da experiência do professor de arte e da prática artística como viés terapêutico. O texto descreve as observações em uma turma multisseriada da educação especial e relata evidências de que as atividades artísticas desenvolvem mudanças, alteram a subjetividade e a percepção da realidade, destacando os benefícios significativos na vida das crianças com deficiência física e intelectual.

Palavras-chave: Arte; deficiência; intelectual;

1 INTRODUÇÃO

A arteterapia é uma forma de terapia que está aliada à arte, extraindo o que está linguagem tem de melhor a oferecer, potencializar e traz benefícios como a melhora da comunicação consigo e com o outro, favorecendo a busca do equilíbrio entre indivíduo e mundo. De acordo com Carvalho (2001, S/P).

[...] uma das vantagens da Arteterapia é a de poder experimentar o novo, é despertar a curiosidade e com isso desenvolver a criatividade e a espontaneidade do ser humano, motivando o indivíduo a desenvolver por meio da arte e sua capacidade funcional, além de ser um meio de reintroduzi-lo socialmente com outras pessoas.

Segundo a autora, a arteterapia não está mais atrelada a consultórios, mas pode estar em diferentes contextos e áreas, como as intervenções escolares, organizacionais, em instituições especializadas em saúde e hospitais. Assim a arte é um modo de que o profissional consiga compreender a expressão da subjetividade humana. Trabalhando de forma artística o cognitivo e o emocional dos indivíduos que aprendem a se expressar através da arte.

A utilização da arteterapia no contexto educacional tem condições de promover o autoconhecimento dos professores e alunos, pois, as atividades artísticas desenvolvem mudanças internas, nestes a medida em que alteram a sua subjetividade que por sua vez, mudam a compreensão da sua realidade. Machado, (et al, S.A) entendem que “a transformação destes elementos por meio da arteterapia, implica em criar atividades artísticas que conduzam no processo de agentes transformadores de si mesmos e da sua comunidade”.

Na escola a arteterapia tem a possibilidade de trabalhar e auxiliar no desenvolvimento de alunos especiais, valorizando suas qualidades, aumentando sua autoestima e desenvolvendo diferentes modos de expressar seus sentimentos. Além de ser lúdico e não engessado em moldes e parâmetros que podem intervir e oprimir os alunos.

Sendo assim, o presente artigo, objetiva apresentar alguns dos benefícios da

arteterapia na prática pedagógica da educação especial; e refletir sobre a importância da arte na educação de crianças com algum tipo de deficiência. Para fundamentar o estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de autores que de alguma forma trazem contribuições e ideias sobre o assunto em questão, Barbosa, Valladares e Silva, Vieira, Buoro, Carvalho, Fischer, Souza e Machado. Além de uma pesquisa de campo, através da observação da prática diária das aulas de arte numa turma multisseriada de uma Escola Municipal de Educação Especial de Salto do Jacuí, no interior do Rio Grande do Sul.

2 RELATO DE CASO/EXPERIÊNCIA

Durante a pandemia, os desafios na sala de aula de uma escola especial se intensificaram, especialmente com turmas multisseriadas. A suspensão das aulas presenciais e a transição para o ensino remoto exigiram que os professores adaptassem suas práticas, considerando as dificuldades de acesso a materiais e internet dos alunos. Muitos não tinham condições de seguir as atividades propostas sem apoio devido a limitações físicas ou intelectuais.

A arteterapia emergiu como uma ferramenta essencial para melhorar a qualidade de vida dos alunos, oferecendo uma forma de conexão durante o isolamento social, principalmente para aqueles sem acesso a recursos digitais. Ao retornar às aulas presenciais, os protocolos de segurança foram seguidos rigorosamente, com materiais separados e higienizados para cada aluno.

O papel do professor de arteterapia não é trazer um conhecimento pronto, mas oferecer materiais e estímulos para que os alunos possam explorar e descobrir por conta própria. As reações variavam conforme as limitações de cada aluno, e o professor precisava ser flexível para adaptar as atividades conforme necessário. A arteterapia busca proporcionar benefícios, troca de experiências e um ambiente de aprendizado sem pressões.

Essa experiência foi analisada em uma pesquisa de campo com uma turma multisseriada de uma escola especial em Salto do Jacuí, com 13 alunos de 7 a 14 anos, com diferentes tipos de deficiência. A pesquisa envolveu observação em sala de aula por três meses, apesar das limitações causadas pela pandemia. Para muitos desses alunos, a escola é o único espaço fora de casa onde recebem estímulos culturais, recreativos e sociais.

3 DISCUSSÃO

Ao adentrar este espaço de aprendizagem foi possível vivenciar muito mais do que apenas observar os alunos durante as aulas de arte. Os alunos ainda carregados de uma insegurança que os paralisa, buscam o apoio da professora para a realização das tarefas. Eles que são marcados pela frase “não consigo” aos poucos buscam inspiração e produzem com maestria suas atividades, Barbosa (1998) nos faz refletir:

Através das artes temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social, seu modo de vida, seu sistema de valores, suas tradições e crenças. A arte, como uma linguagem presentacional dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como as linguagens discursiva e científica. (Barbosa, 1998 p.16)

As atividades em grupo ou individuais, conjugadas a um trabalho oral da professora tendo como finalidade de despertar a criatividade, a expressão criativa, a comunicação, o contato emocional e sensorial através dos sentidos da visão, audição, tato, olfato, paladar, para a realização de metas construtivas (do saber).

Como ponto de partida para tratar das questões pertinentes a este artigo, foram selecionadas duas das atividades práticas pedagógicas desenvolvidas pela professora de arte

com os alunos nesse período de observação. A primeira proposição, a confecção de uma receita caseira de massinha de modelar e, depois, modelar a forma imaginária do vírus da Covid19. E a segunda, uma experiência sonora, com o instrumento de cordas, o violão.

A produção de massinha de modelar caseira, experiência com recurso de materiais simples de uso doméstico, foi pensada para que os alunos pudessem manipular diferentes materiais, como os sólidos e líquidos com diferentes pesos, texturas e cores, formando uma massa modelável com cheiro, densidade e volume. A proposição não estava somente ligada à execução de uma receita doméstica e nem só relacionada à modelagem de uma figura, mas sim desafiar o aluno a expressar sentimentos, receios, temores, vencer obstáculos impostos pela doença.

Observou-se a dedicação, curiosidade, na produção da massinha. O preconceito de que sujeitos com deficiências não conseguem realizar as tarefas está enraizado em nossa sociedade, e através deste trabalho observa-se o quanto eles são capazes e podem ir além de reproduções, de realização de receitas, elas estimulam as funções executivas, como atenção, concentração, planejamento, como também desenvolver a coordenação motora, habilidades sensoriais, entre tantas outras. É a partir de ações como estas que a criança desenvolve a criatividade e autonomia.

Nas expressões artísticas, elas expõem a si mesmas, isto é, deixam aflorar todo seu contexto social, suas percepções sobre o mundo, sua identidade e sua imaginação. A criança consegue expressar seus sentimentos por meio das produções de arte, o que contribui sobremaneira para que compreenda seu processo de desenvolvimento. (VALLADARES; SILVA, 2011, p. 444).

A atividade da massinha foi proposta para que os alunos pudessem desenvolver e estimular o tato, através de atividades sensoriais, e a imaginação. Os ingredientes eram de fácil acesso para a maioria das famílias, tais como: farinha, água, sal, óleo de cozinha e corantes ou suco. Como foi confeccionado em casa, cada aluno realizou a atividade com na cor de sua preferência, ou conforme disponibilidade, além de dar a forma, criar uma imagem conforme sua imaginação, o vírus da Covid-19, a qual era a proposta inicial.

Essa atividade foi pensada como uma experiência sensorial, e não meramente como um trabalho funcional, por exemplo, o aluno com autismo apresenta hipersensibilidade ao toque, negando diversas texturas, ao realizar a receita da massa de modelar, o aluno teve acesso a diversos materiais com texturas diversificadas, se relacionando com tais, de maneira prática e lúdica, experimentando através do tato a experiência do toque, sem força-lo a experiências que não lhe trouxesse prazer. Enfatizo que o trabalho sensorial é realizado há um longo período para que pequenos avanços acontecessem.

O aluno com déficit de atenção e hiperatividade, assim como o autista também se beneficiou da confecção da massinha caseira, pois também apresenta hipersensibilidade ao toque, os materiais chamaram sua atenção, o tocar e experimentar, os materiais, todos comestíveis, fez com que o responsável deixasse ele levar o material até a boca, pois após colocar o corante o aluno queria experimentá-lo, o que foi possível. Seu interesse se deu na textura da farinha, e após o corante.

Os alunos com paralisia cerebral, com suas restrições manipularam todo o material com auxílio para que se formasse a massa, desenvolvendo a motricidade fina, além do elemento oral para saber o que eles achavam da textura, o que eles estavam sentindo ao tocar aquele material. De uma maneira geral, a massinha caseira, é um recurso que desenvolve a coordenação motora fina, a criatividade, concentração, oralidade, descoberta de novas formas, mistura de cores, diferentes texturas e a homogeneidade dos materiais utilizados.

De acordo com Vieira (2017), o fazer artístico poderá estimular diversas funções e habilidades integrando os sistemas: sensorial, motor, emocional e cognitivo. Estimular o

sistema sensorial é de suma relevância. Identifica-se que alguns dos alunos possuem uma resistência a manipular diferentes texturas, logo o trabalho com massinha foi de suma importância, para os mesmos manipularem materiais que se constituíram na massinha, estimulando o aluno a tocar em diferentes texturas até a sua consciência final.

A segunda atividade artística/terapêutica a ser tratada aqui, é a uma atividade sonora que compunha as atividades relacionadas a Semana Farroupilha, data comemorativa das tradições gaúchas. A ideia de trazer um instrumento de corda, como o violão, veio com intuito dos alunos manipularem o violão, dedilhando, “batendo” nas cordas, tendo a experiência de produzir, sentir os sons a partir da vibração de suas cordas, o som da caixa acústica, da caixa de madeira que sai pela boca/abertura do instrumento, a percepção sonora do objeto em si.

Na prática, o violão veio representar a figura do gaúcho, o violão é um objeto musical muito próximo do gaúcho, contextualizando o cotidiano do gaúcho de uma maneira prática, poética e sensível ao mesmo tempo, no qual a música nos remete a momentos de nossa vida, mexe com nossos sentimentos. Dentro de uma proposta comemorativa a professora, por meio de uma ação produtora de contextualização cultural, vivência de uma tradição e apresentação de um instrumento musical, permitiu aos alunos a capacidade de comunicação, de prazer, e também por revelar qualidade emocional, tal experiência pode ser imediatamente sentida, resultando uma experiência completa: escutar música, manipular o violão ao seu modo, sentindo a sensação de dedilhar e emitir sons através das cordas do instrumento.

Diante da música, da letra, da poesia, da melodia e do instrumento musical, a criança de fato está diante do mundo, da cultura, da realidade. Por mais que alguns autistas possuam a hipersensibilidade auditiva, todos os alunos se interessam pelo instrumento, querendo manipulá-lo, o contexto que isso influenciou neles, de maneira sutil, o som das cordas lhes trouxe alegrias e músicas para essa turma. Além da sensibilidade auditiva, a parte motora também foi trabalhada nesse momento, criando condições prazerosas para esses alunos, produzindo formas de expressão por parte desses alunos.

Destaca-se que tais atividades, tanto a experiência estética da massinha, quanto à sonoro com o violão, trabalhadas dentro de um contexto, permitem que os alunos manifestem seus sentimentos e sensações, demonstrando o que lhes causa prazer ou não. E são intervenções sensíveis como essas que observamos:

[...] a música os afeta e com isso cria uma ponte com o mundo a sua volta. Eles saem do seu isolamento para olhar na direção do estímulo sonoro/musical e muitos são capazes de compartilhar a experiência musical, tocando ou cantando, apesar das dificuldades apresentadas nos domínios de comunicação e interação. Alguns apresentam uma facilidade impressionante para reproduzir melodias, cantando ou tocando instrumentos. Outros, aqueles que têm severas dificuldades de interação e de comunicação, costumam ter uma reação corporal ao estímulo sonoro/musical e demonstram, dessa forma, o quanto são afetados pela música. A música e o som os atingem diretamente, sem defesa. (SANTOS, 2015, p. 75-76).

O instrumento, foi uma forma palpável de trazer para eles a música, a cultura, agregando valor a experiência com o real, todos os alunos quiseram participar e manipular, criando assim uma relação afetiva. Aqui, não estamos falando de uma aula de música teórica ou técnica, nada sistemática, o violão foi o meio encontrado pela professora de trazer o assunto relacionado ao tema gaúcho, assim como um material palpável que eles puderam manipular, ouvir, ver os outros utilizando, cantar músicas, explorá-lo, a relação criada pelos próprios alunos de interessar-se pelo instrumento foi surpreendente.

Todo o trabalho realizado é experimental, alguns alunos demonstram mais resistência a certos tipos de materiais, porém, o estímulo se faz necessário, assim o volume criado, a consistência, além do desenvolvimento afetivo trabalhado juntamente, pois foi necessário alguém para ajudar em tal tarefa, estimulando potencialidades e a autonomia.

[...] considera-se que a arte compreende um universo amplo de múltiplas formas de linguagem [...] o que pode vir a oferecer diferentes formas de comunicação, oportunidades de expressão, meio de autoafirmação, desenvolvimento da criatividade, favorecendo assim a socialização e estimulando o desenvolvimento psicomotor das pessoas, com ou sem deficiências, contribuindo igualmente com a aprendizagem escolar. (VIEIRA, 2017, p. 137).

É através de experimentos artísticos que os alunos desta escola desenvolvem habilidades e através dela, podem se expressar demonstrando seus sentimentos e vivências. Bem como, aprendem de forma prática atividades de vida diária e estimulam áreas sensoriais que possuem limitações.

Sabe-se que a educação, de forma geral, deve considerar a pessoa com necessidades educativas especiais enquanto ser humano, sujeito histórico, social, cultural e também simbólico. O aluno público alvo da educação especial apreende, mas é necessário que o professor saiba o que propor e em que situações devem elaborar atividades, dentro de suas especificidades. (VIEIRA, 2017, p. 146)

Nesta turma há uma diversidade de limitações, dessa forma é necessário cuidar a maneira como é solicitada a atividade, pois, nem todos conseguem realizar da mesma maneira. De acordo com Souza; Carvalho (2013, p.13) “a arte não exige um nível de conhecimento, anterior, este aspecto facilita o desenvolvimento das atividades, pois, cada um cria, e faz o que tiver vontade, não sendo criticado por isso”. Nesse sentido, as atividades desenvolvidas na escola especial partem de um objetivo inicial, em que todos possam se desenvolver. A partir disso, podem produzir mais elementos, trabalhos que desejem, manifestando sua criatividade em sala de aula.

Analizou-se ao longo do período de observação que os alunos estavam menos resistentes na realização dos trabalhos. Aqueles alunos que apresentavam intolerância à textura, ao toque, obtiveram resultados positivos, pois conseguiram realizar a atividade da massinha, misturando os ingredientes secos e com auxílio de uma colher misturaram os demais ingredientes, ainda que para finalizar usaram luvas. Entretanto conseguiram manipular a massinha depois de pronta tranquilamente.

Barbosa (1998 p. 24) “Na experiência do pensamento, só quando extraímos uma solução é que as premissas surgem. Portanto é a solução que torna manifestas as premissas. A conclusão não é alvo separado e independente, mas a consumação de um movimento tanto nas artes como no pensamento”. E conclui, “Entretanto, dada sua materialidade, o processo é mais facilmente verificável nas artes”, isso demonstra que os alunos estão aprendendo e sendo estimulados a experimentar o novo, a sentir novas texturas diferentes, o que ajuda na superação de suas dificuldades.

O quão importante é para esses alunos o tocar e o sentir, as experiências significativas, que lhes ajudam a construir pequenas aprendizagens e grandes descobertas, fazendo com que superem a cada dia suas limitações.

4 CONCLUSÃO

Certamente, será muito difícil dimensionar aqui neste artigo em que medida as experiências da prática artística que cada aluno desenvolveu, viveu foi para ele transformadora. Portanto, em vez de mensurar os efeitos individuais, destaca-se a importância da estimulação de atividades de arte em sala de aula, visto que através da arte é possível desenvolver uma variedade de habilidades, entre elas as funções executivas como atenção, concentração, planejamento, resolução de problemas, bem como estimular as áreas sensoriais como tato, visão, audição. É por meio das aulas de arte que os alunos vivenciam momentos

prazerosos e desenvolvem trabalhos artísticos na tentativa de dar suporte a tantas habilidades ligadas à comunicação e a inserção no mundo.

De acordo com Vieira (2017) a disciplina de arte contribui significativamente na vida das crianças com deficiências, e ela deve adaptar-se às habilidades dos alunos, para que possam receber a disciplina de forma digna e eficaz, visto que deve proporcionar uma forma em que possam desenvolver suas habilidades com autonomia e confiança. Dessa forma, a arte é um instrumento de trabalho que pode produzir muitos significados na vida de pessoas com deficiências.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *1936-Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998. BUORO, Anamelia Bueno. *O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*. 4º edição. São Paulo: Cortez, 2000.

BRASIL. *LEI Nº 9.394/1996*. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. 28 de Outubro de 2021.

CARVALHO, Marcelo da Rocha. *Terapia Cognitivo-Comportamental através da Arteterapia*. Revista Psiquiatria Clínica. São Paulo, n.28, jun.2001.

FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987, p. 254.

VIEIRA, Camila de Carvalho. *Contribuições da arte e do professor arteterapeuta para a educação inclusiva*. Revista educação, artes e inclusão. v. 13. Nº 2, maio/ago. 2017. INSS 1984-3178. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1984317813022017136>.

SOUZA, Cássia de Fátima da Silva.; CARVALHO, Néclea Dantas de. *Arteterapia e inclusão da pessoa com deficiência intelectual: tecendo relações*. VII Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão/SE. 19 a 21 de setembro de 2017. INSS 1982 – 3657.

MACHADO, Beatriz; MARÇAL, Eliane; BASTOS, Jaqueline Milani; BENGTON, Sandra; OLIVEIRA, Valdir. *Arteterapia na educação: uma possibilidade?* Disponível em:<https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_50_1504211729.pdf>. [S/A].

VALLADARES, Ana Cláudia Afonso; SILVA, Maria Teixeira. *A arteterapia e a promoção do desenvolvimento infantil no contexto da hospitalização*. Revista Gaúcha Enfermagem, Porto Alegre (RS) 2011 set;32(3): 443-50.